

# ESCOLA, ADOÇÃO E TEORIA PSICOGENÉTICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Gabriela Maria de Souza Rosa

Heloisa Toshie Irie Saito

Gilmara Lupion Moreno

## Resumo:

Pensando nas questões da atualidade que permeiam a relação entre a escola e a adoção, o trabalho tem como objetivo geral analisar as possíveis contribuições da teoria de Henri Wallon para o trabalho pedagógico com as crianças e os adolescentes adotados na escola. A pesquisa é caracterizada como qualitativa e as discussões foram feitas a partir de um levantamento bibliográfico através da leitura e do fichamento de referências que pesquisam sobre o processo de adoção e sobre a Teoria Psicogenética de Henri Wallon para a discussão da relação da temática a partir de artigos, capítulos de livros, documentos e legislações. Foi possível entender a importância da temática no meio da formação continuada de professores, já que a temática a respeito da adoção deve ser discutida em sala de aula para que a comunidade escolar desvende mitos e preconceitos construídos e repassados por gerações. Além disso, conclui-se que conceitos presentes na teoria psicogenética podem ser utilizados no espaço educativo relacionado à adoção por ajudarem o professor a observar os alunos como indivíduos completos, contribuindo assim para a formação completa dos indivíduos e conseqüentemente para o trabalho pedagógico.

**Palavras-chave:** Escola, adoção, Henri Wallon, formação de professores.

## Introdução

O entusiasmo para desenvolver uma pesquisa na área da adoção aflorou durante uma palestra que assisti ainda enquanto petiana do Pet-Pedagogia UEM, na qual minha atual coorientadora, Gilmara Lupion Moreno, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, falou a respeito da relação entre adoção e escola a partir de meios lúdicos com a finalidade de trabalhar essa temática no cotidiano de uma sala de aula. Outrossim, quando fui catequista, me deparei com uma criança adotada em minha turma, que tinha muitos problemas de comportamento e agora tendo um conhecimento prévio sobre o assunto, consigo observar que se tivesse buscado conhecer acerca dos impactos da adoção, teria me auxiliado a lidar com os

problemas apresentados pela criança na época, como a desobediência, o desafio e a irritação.

Esse artigo inicia-se com alguns questionamentos para a reflexão acerca de uma temática raramente abordada na área da Educação tais como: O que é adoção? Quem são as crianças e os adolescentes adotados? Qual o conceito de Adoção para a comunidade escolar? Os professores são/estão preparados para trabalhar a adoção na sala de aula? Qual a contribuição da teoria de Henri Wallon e do conhecimento sobre adoção na formação do professor no que se refere ao trabalho junto às crianças adotadas? Tais questões levaram para a elaboração da seguinte questão norteadora: Qual a contribuição da teoria de Henri Wallon para o trabalho pedagógico com as crianças e os adolescentes adotados?

Para responder tais questionamentos, o objetivo geral deste artigo é analisar as possíveis contribuições da teoria de Henri Wallon para o trabalho pedagógico com as crianças e os adolescentes adotados na escola. A partir desse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: uma breve apresentação da biografia de Henri Wallon destacando suas contribuições para o trabalho pedagógico junto às crianças e aos adolescentes adotados; uma reflexão sobre o conceito de adoção e como ele deve ser trabalhado no espaço educativo; a evidência da importância do conhecimento sobre adoção e as contribuições da Teoria de Henri Wallon para a formação do professor.

Para isso, foram utilizados artigos e livros que dissertam sobre a adoção no Brasil e sua abordagem nas escolas, bem como, sobre as contribuições da teoria psicogenética de Henri Wallon no trabalho pedagógico. Wallon defende uma visão integral do ser humano, ou seja, principalmente voltado ao âmbito educacional, salientando uma visão mais aguçada da parte dos profissionais de ensino para que a aprendizagem ocorra de forma completa e eficaz, como pode-se observar no seguinte trecho:

[...] os professores para alcançarem êxito na ação pedagógica deveriam conhecer e entender as crianças em seu desenvolvimento. Esse aspecto atenta de forma específica para a relação professor-aluno e a escola como meio social para a evolução da pessoa humana [...](DAUTRO, et al, 2018, p. 2).

Assim sendo, é possível analisar a relevância da obra de Wallon para compreender o aluno em sua totalidade e observá-lo não somente como um

aprendiz, mas como ser humano que tem uma vida externa ao ambiente escolar e que não pode ser excluída, mas deve ser compreendida, a fim de que o processo de ensino-aprendizagem seja desenvolvido de maneira confortável e eficaz ao aluno.

É comum encontrar mais referências sobre adoção na área da psicologia e do direito, pois, a adoção é um ato judicial de caráter afetivo. Portanto, houve certa dificuldade no momento da procura de obras acadêmicas que versam sobre o conceito de adoção na perspectiva do ambiente escolar e o papel dos pedagogos, em função de ser uma temática pouquíssimo explorada no âmbito da formação de professores. No entanto, foram selecionados materiais escritos em sua maioria por professores que buscam estudar a temática da adoção em seus grupos de estudos, além de obras que dissertam a respeito da teoria psicogenética e seu desenvolvimento no ambiente escolar.

A pesquisa iniciou-se por meio de um levantamento bibliográfico, leitura e fichamento das obras selecionadas que salientam a respeito do histórico da adoção no Brasil, da relação entre adoção e escola, de como se dá o processo de adoção e leituras que farão compreensão da teoria psicogenética de Henri Wallon, além de documentos, legislações, como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e o Código Civil de 2002. Possui um cunho qualitativo, pois utilizou-se de dados fixos em junção com a interpretação do pesquisador, perante tarefas investigadoras, entrevistas, questionários e análises de documentos (LUDWING, 2014).

De acordo com Günther (2006) a pesquisa qualitativa é a qual a realidade se torna algo construído perante a visão do autor. Porém, mesmo essa pesquisa contendo cunho pessoal, não deve ser considerada uma pesquisa baseada em “achismos”, pois os argumentos produzidos estão embasados em outros materiais, que darão base ao conhecimento e à compreensão do pesquisador sobre determinado assunto. Para além disso, Günther (2006) ainda expõe que as pesquisas de cunho qualitativo são manifestações de observações humanas, ou seja, são interpretáveis as ações de comportamentos, de estudos, da realidade social que levam a um processo de reflexão quando o objetivo da pesquisa ficará mais evidente. Dessa forma, ocorre um vínculo comunicativo com o leitor, relatando informações que são de importância para o desenvolvimento de novas pesquisas, por isso é imprescindível a ampliação dos olhares do pesquisador para diversas possibilidades.

Ademais, há a necessidade de desenvolver uma cultura da adoção desde a Educação Infantil, pois, ao levar para dentro da sala de aula tal temática, acredita-se que este assunto, tão pouco difundido, possa auxiliar professores e pais no sentido de compreenderem o contexto vivenciado pela criança adotada e suas necessidades a fim de que ela tenha a possibilidade de se sentir acolhida e respeitada na sua condição de adotada.

A adoção é um processo que favorece a inserção de uma criança, geralmente ligada a um abandono, a uma nova família, em que uma de suas novas responsabilidades será a vida escolar dessa criança e sua formação como indivíduo crítico na sociedade. A adoção pode ser definida como uma relação jurídica como apresenta-nos Gadelha (2016):

A adoção legal é precedida de processos judiciais que reconhecem a impossibilidade da família biológica em cuidar de crianças e adolescentes, que habilitam pessoas a serem pretendentes a pais e mães por adoção, e que legalizam a formação de núcleo familiar, com os mesmos direitos e deveres entre pais e filhos (GADELHA, 2016, p. 55).

Encontramos suas definições e conceitos também em documentos como o Código Civil e o ECA de 1990. Nesses documentos, consta-se que o processo adotivo é jurídico, ou seja, que necessita de ações judiciais para transitar, porém durante seu percurso vai ser responsável por criar uma relação afetiva entre os envolvidos, um dos motivos para justificar a presença de um psicólogo jurídico para acompanhar todo processo entre pais e crianças (GADELHA, 2016).

O ECA, no seu art. 41, contextualiza o processo de adoção, salientando que, “A adoção atribui a condição de filho ao adotando, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais”. Logo, o processo adotivo é o ato de acolhimento, amparado por vias jurídicas, a fim de garantir à criança ou ao adolescente um lar estruturado, no qual seja possível seu desenvolvimento como indivíduo e cidadão da sociedade. Entretanto, no decorrer desse processo a criança em idade escolar que já está inserida na escola precisa lidar com os desafios e as inseguranças dessa nova fase de sua vida.

Dessa forma, compreendendo a realidade da adoção pela teoria psicogenética de Henri Wallon (1879-1962), a presente pesquisa pretende abordar a temática da adoção e sua relação no ambiente escolar, pois, muito se fala a respeito

de inclusão dentro de sala de aula, normalmente abrangendo problemas de aprendizagem, como o transtorno do espectro autista, dislexia, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade TDAH, entre outros, todavia, geralmente, os alunos que estão vivenciando o processo de adoção acabam passando despercebidos no cotidiano da escola, tendo que conviver com preconceitos dos diferentes atores escolares.

Além desse aspecto, precisam vivenciar comemorações como o Dia dos Pais ou Dia das Mães que, dependendo da forma como são abordadas, podem deixá-los deslocados do restante da turma, podendo gerar estranhamento e desconforto. Por exemplo, quando por ocasião do Dia das Mães, as homenagens consideram apenas a filiação biológica, a gestação, o parto, negligenciando as outras formas de exercer a maternidade como a Adoção ou então desconsiderando as famílias constituídas por pais solos, por dois pais etc.

Defendemos que a vida social de cada aluno interfere diretamente em seu processo de aprendizagem, portanto, conseqüentemente, é preciso considerar que uma criança que está lidando com um processo adotivo tem aspectos sociais e culturais da sua vida totalmente modificados. Para melhor compreender esse contexto, a investigação no decorrer deste trabalho será realizada a partir de levantamentos bibliográficos de artigos e teses a respeito da adoção de crianças e adolescentes no Brasil, bem como produções acadêmicas voltadas à teoria psicogenética de Henri Wallon que disserta sobre a relevância das relações de afeto durante o desenvolvimento pessoal e escolar das crianças que vivenciam o processo de adoção.

Ao observar o percurso sobre o histórico da adoção percebe-se que não é uma concepção recente, pois desde os primórdios da história humana a adoção se faz presente. Mesmo considerando o histórico tão antigo, ainda em pleno século XXI, ocorrem algumas situações dentro de sala de aula relacionadas à adoção, nas quais o professor não sabe mediar da maneira correta, desvendando os mitos e os preconceitos formados pela sociedade.

Considerando esse contexto, espera-se com este trabalho contribuir com a ampliação do debate acerca destas questões tão pertinentes ao processo formativo do professor.

## **1. Escola e adoção: por que tratar de adoção no contexto escolar?**

A adoção sempre foi um conceito presente na história da humanidade, uma vez que tem-se registros dessa prática desde os primórdios. É possível citar exemplos mostrados até mesmo na bíblia, livro mais antigo da humanidade, como Moisés que foi adotado por um Faraó e até mesmo Jesus Cristo, que teve São José como seu pai adotivo (DUTRA; MAUX, 2010). Ademais verifica-se na Antiguidade altos índices de abandono e infanticídio, portanto a prática da adoção foi um recurso utilizado para que as crianças não ficassem abandonadas na rua, apesar de que, posteriormente, muitas eram tradicionalmente vendidas como escravos ou como força de trabalho. (VELOSO, 2015) Durante a Idade Média a adoção passou a ser um ato pouco falado e praticado ao invés disso,

[...] as crianças permaneciam em suas casas por um período de sete a nove anos, sendo enviadas para outras casas, ao final deste, para realizarem o serviço pesado, integrando-se ao mundo adulto. Para o autor, não havia um sentimento existencial entre pais e filhos, nem a noção de família e da infância como nos tempos atuais (VELOSO, 2015, p. 26).

Isso revela que o conceito de infância foi construído no decorrer da história, dependendo de cada cultura. A partir disso, na Idade Moderna a adoção voltou a surgir por meios jurídicos, passando a ser vista como questão social a partir da Primeira Guerra Mundial. No período entre guerras a ONU nesse momento, ainda chamada de Liga das Nações Unidas, elaborou uma carta de Direitos Universais da Criança que possuía o intuito de dar assistência às crianças que necessitavam de amparo (VELOSO, 2015). Outrossim, em cenário nacional observa-se a prática da adoção sendo realizada no Brasil desde sua colonização, a princípio muito relacionada com a caridade visto que, era comum os colonos prestarem ajuda aos filhos dos escravos chamando-os assim de 'filhos de criação' (DUTRA; MAUX, 2010).

Muito demorou para que a adoção fosse realmente legalizada pela Constituição Brasileira, a primeira vez que esta aparece como lei é no ano de 1828, com o preceito de que seria a solução dos problemas de um casal infértil. Ao decorrer dos anos muitos estudos foram feitos e novas leis foram criadas, entre elas o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Código Civil. Porém, é a partir de 1988 que a legislação a respeito da adoção passou a dar condições iguais aos filhos

biológicos e adotivos e por esse motivo os filhos adotivos passaram a possuir os mesmos direitos dos filhos biológicos, perdendo completamente os vínculos com sua família de origem, sendo concedido o direito à adoção a todos os cidadãos maiores de 18 anos independente do estado civil (DUTRA; MAUX, 2010).

É válido aqui ressaltar que tanto a criança quanto os pais que estão passando pelo processo de adoção possuem diversas inseguranças. Os pais muitas vezes possuem o medo de não formar vínculos afetivos ou que as crianças venham querer conhecer a família biológica e abandonar sua família adotiva. Para Dutra e Maux (2010), esse medo pode ser fonte de dificuldades na educação dessas crianças, o que determina a dificuldade de aplicar limites, pois não querem que a criança fique aborrecida e decida por ir embora. A falta de segurança para educar os filhos adotivos pode acarretar problemas psicológicos com as crianças, “nesses casos percebemos que não é adoção, mas a falta de segurança dos pais no vínculo afetivo construído com o filho, com medo de não ser o pai real ou “de direito” que gera as dificuldades futuras” (DUTRA; MAUX, 2010, p. 368).

Mas afinal, em que cenário a escola se faz presente nessa perspectiva? Para responder essa questão é importante voltar o olhar ao início da vida. A partir do momento do nascimento a criança está inserida em uma sociedade e, desse modo, necessita aprender a como conviver com bem-estar nesse meio. A chamada socialização vai ter papel fundamental para que haja um convívio saudável, preparando o sujeito, apresentando diversos tipos de crenças, culturas, valores e conhecimentos (SUDARIO; MORENO, 2022). Então, é possível compreender os três estágios da socialização, o primeiro sendo protagonizado pela família, a qual estabelece as primeiras relações básicas; o segundo a escola, local formador de personalidade, construção do conhecimento; e o terceiro o espaço público, como ruas, clubes, igrejas, normalmente locais os quais as crianças têm ou passarão a ter algum tipo de relação afetiva (SUDARIO; MORENO, 2022).

Referente à escola, observa-se que esta é um ambiente propício para a construção da identidade, no qual as crianças estão expostas a diversos tipos de culturas e crenças, as quais por vezes, possam ser divergentes das que aprenderam com suas famílias, sendo assim, essa interação enriquece a consciência cultural da criança (SUDARIO; MORENO, 2022). Logo, com relação às crianças que estão à espera de uma família adotiva, a escola recebe um caráter

imprescindível de local favorável para a socialização, cabendo a ela desenvolver esse papel. De acordo com Sudario e Moreno (2022):

A escola deve proporcionar um ambiente que favoreça a convivência comunitária, a socialização e aprendizagem, bem como zelar por atenção e cuidados com seus alunos para identificação e prevenção de situações de risco, tais como abandono, negligência, conflitos familiares, alcoolismo, drogadição e violência (física, sexual e psicológica) (SUDARIO; MORENO, 2022, p. 35)

Dessa maneira, a escola configura-se como um agente provedor da formação social do indivíduo. Segundo Sudario e Moreno (2022), por vezes a falta de conhecimento da equipe pedagógica perante o processo adotivo acarreta situações de exclusão, constrangimento e até mesmo tristeza, para as crianças e adolescentes que estão a vivenciar o processo adotivo. Portanto, as autoras ressaltam que, para ocorrer a formação social do indivíduo de forma consciente, é necessário que os professores e a equipe educacional tenham conhecimento para identificar e em casos de necessidade agir, para que o aluno que está em processo de adoção não se sinta deslocado, excluído ou que lhe falte algum tipo de amparo e respeito. Além disso, mesmo não havendo casos de crianças ou adolescentes adotados na instituição de ensino, é válida a formação sobre esse assunto a fim de desmistificar os preconceitos colocados a essas pessoas e a essas famílias (SUDARIO; MORENO, 2022).

Atualmente muito se escuta a respeito de inclusão e de respeitar as origens e a cultura das pessoas, logo a escola é o ambiente que necessita absorver as mudanças que acontecem na sociedade para entender seus alunos. Necessita ser um espaço acolhedor, no qual, o aluno se sinta à vontade de si mesmo, independente de suas origens (LUCHI, 2011). Assim sendo, a escola tem a difícil tarefa de abarcar essas necessidades, observar as crianças como um todo, entender o que estão vivendo, para que, a escola não se torne um ambiente discriminador e negligente, mas um local onde esses mitos e preconceitos possam ser superados e que haja a construção do respeito pela sociedade a qual todos habitam igualmente.

Ao mesmo tempo em que há diversas pesquisas e projetos contra preconceitos e a favor de inclusões, muitas vezes esquecem de incluir as famílias formadas através da adoção, estas que tanto pais quanto crianças/adolescentes



necessitam de apoio para compreender o processo e vivê-lo da melhor forma possível. De acordo com Luchi (2011), para que a escola atenda às necessidades educacionais dessas famílias ela deve ser,

[...]capaz de reformular o tradicional conceito de paternidade e maternidade, até então compreendido apenas como produto de uma relação biológica, e avançar para uma compreensão mais abrangente, onde seja privilegiada a construção do vínculo afetivo como formador do sentimento de filiação, de paternidade, e de maternidade (LUCHI, 2011, p.1).

Realizar atividades como Dia dos Pais, Dia das Mães, levando em consideração apenas a filiação biológica, provoca um sentimento de exclusão nos alunos e conseqüentemente em sua família adotiva (LUCHI, 2011). Talvez por ser uma temática tão pouco estudada no âmbito pedagógico, estas situações ainda são bastante recorrentes, porém é necessário atentar-se para o fato de que, a prática da inclusão necessita ser abrangente, uma inclusão para todos e não apenas para certo grupo.

A formação continuada a respeito da adoção possibilita ao profissional compreender a demanda de cargas emocionais que tanto seus alunos adotados quanto seus respectivos pais estão passando. Batista e Moreno (2020) citam D'Andrea (2012), que em seu conto literário, aborda as dores e os sofrimentos que passam pais e crianças/adolescentes que aguardam ansiosamente pela adoção concreta:

[...] a história de cada adoção começa com duas histórias de sofrimento: a sua que não tem mais pais; e a do casal, que não pode ter um filho próprio. São também duas histórias de separação: você foi separada de seus pais, que não estão mais aqui; mas eles também têm que se separar do sonho de gerar uma criança (D'ANDREA, 2012, p.20 Apud BATISTA; MORENO, 2020 p.5).

Posto isso, demonstra-se a fragilidade pelas quais as pessoas envolvidas no processo de adoção estão passando e ressalta aos profissionais de ensino um olhar mais cauteloso a respeito dessas pessoas, respeitando sua vulnerabilidade e acolhendo de forma consciente. O processo da adoção por ser algo delicado para o aspecto psicológico dos envolvidos, no caso da criança, a passagem da sua família de origem para uma instituição de acolhimento, quando disponível para adoção, da passagem da instituição de acolhimento para sua família adotiva. Passagem essa

que ocorre em estágios, iniciando pelo processo de aproximação com as famílias, seguindo para o estágio de convivência, mediante a emissão da guarda provisória aos adotantes, sendo possível nesse período que ocorra devoluções, principalmente se tratando de adoções tardias, as quais a família, por vezes, não consegue lidar com as circunstâncias e devolve a criança e/ou o adolescente ao abrigo, ficando para eles a indagação: será que não sou bom o suficiente? O que eu fiz de errado? Algum dia terei uma família? (BATISTA; MORENO, 2020). E, por fim, se tudo ocorrer bem, uma nova certidão de nascimento é gerada.

Porém, nem sempre esse processo vai acontecer de forma linear, muitas vezes ocorrem rupturas que marcam a vida de quem passa por esse processo. Sendo assim, são essas crianças e adolescentes que nesse meio tempo estarão indo para a escola e podendo estar passando por situações de humilhação, bullying e preconceitos, de colegas e até mesmo professores que por não conhecerem a especificidade do processo julgam sem ter conhecimento. As famílias adotivas chegarão às escolas buscando não somente a oferta do ensino cognitivo, mas acolhimento e conselhos, da equipe pedagógica, esperando que ela as entenda e auxilie. Por esse motivo, falar de adoção no ambiente escolar é imprescindível, de modo que “[...] lidar com a VERDADE é sempre a melhor forma de conduzir a vida e o desenvolvimento psicológico da criança ou do adolescente.” (CARDOSO, 2019, p.6, grifo do autor).

Por fim, em resposta à questão que deu título a essa sessão: Por que tratar de adoção no contexto escolar? Conclui-se que falar de adoção na escola é compartilhar a informação sobre o processo à professores, aos pais, às crianças, evitando, dessa forma, constrangimentos, situações de humilhação, podendo assim, ajudar a criança/adolescente nesse processo para que ele sinta acolhido, para que a família se sinta segura com relação ao ambiente em que seu filho frequenta. Falar de adoção na escola significa falar sobre diversidade, igualar a filiação adotiva e a filiação biológica é construir uma cultura, a qual, rompa com mitos e preconceitos construídos pela sociedade perante a adoção (CARDOSO, 2019). É auxiliar na construção de conteúdos curriculares que abordam esse assunto com todo o cuidado, com todo respeito, afinal a escola é um lugar, no qual, a família tem a sua base para deixar o seu filho, para ter conhecimento, ter educação, visto que, “[...] a escola é um espaço fecundo para a construção de valores como solidariedade e o respeito” (CARDOSO, 2019, p. 8).

Ademais, para a realização do trabalho pedagógico com as crianças e adolescentes adotados é necessário que o professor se atente a todos os aspectos que seu aluno traz consigo, a fim de que, consiga ajudá-lo nos problemas que possam vir a prejudicar o desenvolvimento escolar desses indivíduos. Para isso, esse trabalho busca relacionar a formação do professor com a Teoria Henri Wallon que compreende o indivíduo como:

[...] um ser social que se desenvolve de acordo com a convivência e interação com indivíduos da mesma espécie no decorrer da sua vida, por isso é importante estabelecer uma boa relação entre professor/aluno. Também é por meio dessa relação que o indivíduo desenvolve o cognitivo e intelectual. [...] (CAVALCANTE, 2018, p. 32).

## **2. Henri Wallon e suas contribuições para o trabalho pedagógico junto às crianças e aos adolescentes adotados.**

Henri Wallon teve sua primeira formação como filósofo e logo em seguida médico, atuando na área de psiquiatria, área em que se especializou no atendimento de crianças com deficiências neurológicas e problemas comportamentais. Após viver a experiência de trabalho com a psiquiatria, Wallon passou pela formação de psicólogo. Nasceu na França em 1879 e faleceu em 1962, dedicando-se profundamente ao estudo da criança, por acreditar que esse era o melhor caminho para se compreender a origem dos processos psicológicos humanos. Ao estudar o desenvolvimento infantil Wallon buscou o olhar através das perspectivas cognitiva, afetiva e motora, ou seja, estudou o desenvolvimento integralmente (WALLON, 2019). Segundo o autor, a escola deveria fornecer aos seus alunos uma formação integral, isto é, que abrangesse os aspectos afetivo, intelectual e social e isso representou um marco no pensamento pedagógico, já que a área efetiva era pouco trabalhada pelos pensadores e intelectuais da educação.

Henri Wallon chegou ao contexto escolar, devido à compreensão de que a escola é um lugar privilegiado para o estudo da criança, local este, em que a criança por sua vez passa a maior parte da sua vida e tem suas maiores relações sociais. Essas experiências de campo, de acordo com Andrade (2004), fizeram com que Wallon aproximasse seus estudos cada vez mais à área da educação, tendo publicados 260 artigos e livros a respeito da relação entre a psicologia e a educação. Para além disso, de acordo com Andrade (2004), vale salientar que

Wallon defende ser por meio da socialização que a criança terá condições para desenvolver inclusive a sua afetividade, como podemos verificar na seguinte afirmação:

Dentro desta perspectiva a afetividade não caminha isolada de outros aspectos do desenvolvimento humano, como a inteligência, por exemplo. A esta última se integra de tal maneira que uma depende da outra para se desenvolver. Conhecer esse desenvolvimento e tudo que ele afeta é essencial ao professor, a fim de realizar com competência seu trabalho: ensinar (ANDRADE, 2004, p. 11).

Sendo assim, é primordial que o professor conheça e possibilite o desenvolvimento do indivíduo de forma integral, voltando seu olhar aos aspectos cognitivo, afetivo e motor, viabilizando desse modo o processo de ensino e aprendizagem. Wallon, em sua teoria, aborda os fundamentos psicológicos, que ele os denominou de Campos Funcionais, os quais “seriam as categorias de atividades cognitivas específicas” (DAUTRO; LIMA, 2018, p. 3).

Para Wallon, o desenvolvimento é dividido em três partes, a motricidade, a afetividade e a inteligência, dessa forma, trabalhando estas três áreas em conjunto formaria uma totalidade do desenvolvimento infantil. Em relação à motricidade, o movimento é o primeiro campo a surgir na vida de um indivíduo, já que quando nascemos não possuímos a capacidade da fala, portanto, é necessário que nos movimentemos por meio de sons, de ações, reflexos e movimentos, para que nossas necessidades sejam atendidas. Neste período inicial da vida, a criança utiliza do movimento juntamente com as ações para ajudá-lo no processo de sua formação, fazendo com que ela consiga se comunicar com o ambiente externo. (DAUTRO; LIMA, 2018). Como por exemplo um bebê que chora pela mãe, pois está com fome; essa forma de comunicação no momento é a única que a criança possui domínio para ser atendida (WALLON, 2019).

Afetividade para Wallon vai funcionar como algo que a criança vai sentir ao relacionar o objeto ou feição a algo que ela está vendo ou tocando, a memórias, a objetos conhecidos, tendo um caráter tanto psicológico, quanto biológico. Wallon salienta que as manifestações biológicas são as representações dos sentimentos e dos desejos da criança, como fome, sono, suas vontades, lembranças; já as manifestações biológicas serão representadas pelas emoções, o que a criança

sente, afetando diretamente, por exemplo, em seus batimentos cardíacos, em sua respiração, portanto, as emoções possuem esse caráter biológico, que obtém sua resposta na musculatura do corpo, sendo assim, encontramos correlação entre a motricidade e a afetividade (DAUTRO; LIMA, 2018).

Por fim, Wallon conceitua a inteligência como campo funcional por se tratar de um processo de maturação que vai evoluindo conforme as condições orgânicas do psíquico da criança, bem como seu meio social. Este processo de amadurecimento não é contínuo, ele vai passar por rupturas, retrocessos e conflitos, situações normais para que seu fim seja o desenvolvimento do pensamento da criança (WALLON, 2019). Decorrente dessas transformações que a criança sofrerá, é que Wallon identifica um outro campo funcional em conjunto com a inteligência, o campo da Formação do Eu, pois quando a criança nasce, ela ainda não consegue ter a percepção do que é ser um indivíduo singular e se confunde até mesmo com o meio, portanto, é a partir da construção da personalidade que a criança passa a se identificar como ser social e a concretizar seus pensamentos. Como já dito anteriormente:

O desenvolvimento é visto, por Wallon, a partir de uma Concepção Dialética, onde este é assinalado por conflitos, retrocessos, rupturas, em consequências das modificações ambientais, constituindo um processo contínuo que ocorre através de uma sucessão não linear de estágios (DAUTRO; LIMA, 2018, p. 6).

Ou seja, o indivíduo, pela perspectiva de Henri Wallon, vai sofrer modificações em seu processo de desenvolvimento, de acordo com o que vive no seu cotidiano, suas escolhas, suas vivências e memórias influenciam diretamente em seu progresso.

Wallon nos apresenta aos cinco estágios do desenvolvimento humano. Cada estágio, apesar de possuir uma faixa etária específica, terá sua evolução a depender do tempo, das motivações obtidas por seus intermediários e da forma com que cada criança absorve o que lhe é ofertado em cada fase. Ademais, o desenvolvimento pode ser modificado dependendo do ambiente em que o indivíduo está inserido.

O primeiro estágio Wallon denomina como impulsivo-emocional, o qual dura do primeiro instante de vida até os 12 meses. Nesse estágio é importantíssimo a participação dos pais ou responsáveis que estão acompanhando este bebê, porque, de acordo com Daltro e Lima (2018), eles serão os intermediários das relações entre a criança e o mundo externo. É nessa fase do desenvolvimento que a criança começa a ter os seus reflexos e se envolver afetivamente com as pessoas à sua volta, por exemplo realizando espasmos motores como um sorriso. Outrossim, neste período a criança utilizará do choro, do grito, para chamar a atenção de seus intermediários fazendo assim com que suas necessidades sejam supridas (DALTRO; LIMA, 2018).

O segundo estágio é o chamado sensório motor e projetivo, que começa a partir de 1 ano completo aos 3 anos, a criança inicia a exploração do mundo que está a sua volta já possuindo certa autonomia, ela começa desenvolver suas capacidades cognitivas explorando o mundo através dos sentidos e das capacidades motoras. Ademais, será desenvolvida mais assiduamente a fala, portanto, os atos motores deixam de ser tão frequentes e passam a dar lugar ao início do desenvolvimento dos atos mentais. Dos 3 até os 6 anos, inicia-se o terceiro estágio, denominado personalismo, importante para a formação do caráter, caracterizado por aspectos como, crise de oposição, imitação, representação de papéis, desenvolvimento da autonomia, é nesse período que a criança inicia sua vida escolar como consequência, sua imersão na sociedade e formação da sua personalidade (DALTRO et al., 2018).

O quarto estágio de desenvolvimento é o pensamento categorial dos 6 aos 11 anos de idade, nesta fase prevalecem as ações de exploração e conhecimento do mundo, a criatividade, a formação do pensamento abstrato e a memória voluntária. Por fim, o último estágio é denominado de puberdade-adolescência, no qual o indivíduo passa por modificações corporais, decorrentes das mudanças de hormônio, a busca por uma nova personalidade sem contar com a influência dos intermediários, também chamada de crise da puberdade. Esse indivíduo, quando adentra o ambiente escolar, está sujeito ao processo de humanização, consequentemente da formação de sua própria personalidade, que virá carregada

de energias, as quais, pelas emoções serão expostas dependendo da influência que o meio terá em seu interior (WALLON, 2019).

Sendo assim, é necessário o trabalho de mediação para que haja a interação com o meio, com professores e com indivíduos que estão passando pelo mesmo processo de desenvolvimento. Dessa forma, “as emoções, para Wallon, têm uma função importantíssima no desenvolvimento da pessoa, pois são por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades.” (ALMEIDA, 1999 apud DULTRA et al., 2018, p. 8). Por esse motivo a atuação do professor se faz primordial, já que temos a emoção sendo capaz de sobressair à razão,

[...] é necessário, segundo Wallon, manter-se uma “baixa temperatura emocional”, para que se possa trabalhar as funções cognitivas. A emoção é capaz de preponderar sobre a razão sempre que à última faltem recursos para controlar a primeira. O desenvolvimento deve conduzir à predominância da razão, pois, para Wallon, a razão é o destino final do homem (DOURADO et al., 2012, p. 26)

Dessa forma, de acordo com Dourado et al. (2012), para o processo de construção da identidade da criança, o professor será o mediador e deve ter a consciência de seu papel como meio seguro de articular a vivência da criança no ambiente, ofertando momentos favoráveis, a fim de que a criança sinta liberdade para desenvolver suas aptidões, pois estas só se manifestam a partir de motivações. Sendo assim, o professor deve estar atento ao que rodeia o seu aluno, sendo sua cultura familiar, a sua faixa etária, transformando a escola em um local que servirá de acesso para promoção do desenvolvimento dessas aptidões. Abordando o aluno por meio da “psicogênese da pessoa completa”<sup>1</sup>, o professor será a ponte para o conhecimento e o desenvolvimento de seu aluno, tanto no que se refere ao desenvolvimento intelectual quanto à formação pessoal.

Mas, como é possível pensar nas contribuições dessa teoria para o trabalho pedagógico com crianças e adolescentes adotados? Para responder a essa questão é importante entender todo o processo pelo qual transita um indivíduo adotado. Para Veloso (2015), em certos casos, quando a criança é adotada, logo ao nascer, os pais adotivos optam por esconder sua verdadeira origem a fim de proteger seus filhos, porém, mesmo escondendo essa informação o inconsciente da criança é

---

<sup>1</sup> Wallon busca por meio da psicogenética compreender o ser humano de forma completa, levando em consideração seus aspectos afetivo, social/motor e cognitivo. Denominando essa teoria da psicogênese da pessoa completa.

sensível às suas vivências, inclusive intrauterinas, dessa forma, ela pode expressar “através de atitudes ou sintomas, simbolizar o que não é dito [...]” (VELOSO, 2015, p. 78). Quando a criança sente uma tensão do meio familiar ela retratará a sua angústia em suas ações, muitas vezes, interferindo no seu processo de aprendizagem. Ela começa a demonstrar sinais de dificuldade, mesmo não apresentando nenhum transtorno de aprendizagem (VELOSO, 2015). Ademais, segundo Pauli e Rossetti-Ferreira (2009), são aspectos psicológicos normalmente presentes em crianças e adolescentes que passam pelo processo da adoção, o sentimento de abandono, a baixa autoestima, a dificuldade de se relacionar com outras pessoas, bem como o desenvolvimento de sua personalidade é afetado podendo gerar dificuldades na aprendizagem cognitiva e social. Além disso,

[...] a curiosidade é outro importante aspecto afetado pelas experiências da criança adotada que interfere intimamente na capacidade para a aprendizagem. [...] a curiosidade das crianças pode ser inibida diante da dificuldade que os adotantes venham a demonstrar para revelar a verdade sobre sua origem, por conta da dor que isso possa representar para todas as partes envolvidas (PAULI; ROSSETTI-FERREIRA, 2009, p. 890).

Em decorrência disso, verifica-se a importância de compreender o aluno como um todo, já que para crianças e adolescentes que vivem o processo de adoção, os mecanismos de defesa como a negação, o isolamento, vão facilitar o distanciamento da curiosidade de aprendizagem desses indivíduos (PAULI; ROSSETTI-FERREIRA, 2009). Aqui correlaciona-se com a teoria psicogenética de Henri Wallon, na qual “A pessoa é vista como o conjunto funcional resultante da integração de suas dimensões, cujo desenvolvimento se dá na integração de seu aparato orgânico com o meio, predominantemente o social.” (DOURADO et al., 2012, p. 24). Portanto, para essa teoria, o professor ao trabalhar os conteúdos curriculares, se atenta para além do desenvolvimento cognitivo do aluno ao seu desenvolvimento completo como pessoa. Wallon

[...] insiste na importância de o professor conhecer as condições de existência de seu aluno, para saber quais os valores que nela estão sendo cultivados, nos outros meios em que está imersa, e saber como cultivar aqueles que são seu objetivo (DOURADO et al., 2012, p. 29).

Ou seja, para que a criança/adolescente em processo de adoção tenha o despertar da curiosidade é necessário que o professor se atente à bagagem que esses indivíduos trazem consigo e entenda seu processo frente sua realidade, levando em consideração como retrata a teoria de Wallon os aspectos biológicos,



cognitivos, sociais e afetivos, bem como, levando em consideração as emoções, as quais os alunos estão sentindo (DALTRO et al., 2018), para assim, poder trabalhar o desenvolvimento escolar e o desenvolvimento da formação do caráter. Ademais, é papel dos professores, em meio aos conteúdos curriculares, abordarem a temática da adoção, como forma de romper com mitos e preconceitos, tornando a escola um ambiente acolhedor e sadio para esses alunos que vivem o processo da adoção. Como Wallon salienta, "A constituição da pessoa se dá de acordo com suas condições de existência. O meio social e a cultura constituem as condições, as possibilidades e os limites de desenvolvimento para o organismo" (DOURADO et al., 2012, p. 27).

Dessa forma, essa temática pode ser abordada em rodas de conversa, por exemplo, nas quais professores e alunos podem trocar experiências, conhecimentos, refletir a respeito da diversidade familiar e a verdadeira inclusão, a qual, abarca a todos, rompendo com preconceitos estipulados para a adoção. Este exemplo de ação pode converter a escola em um ambiente em que a criança se sinta confortável e possa além de estar em um local seguro para ser quem ela é, ter um espaço favorável para que seja compreendida em todas as suas instâncias e assim possa desenvolver sua vida escolar de forma eficaz. Wallon descreve o papel da escola como ambiente propício para a socialização e formação da personalidade, (DALTRO et al., 2018) processo que vai necessitar da atenção do professores, pois este é repleto de conflitos e regressões, portanto, ao ser mediador da construção da identidade, o professor tem papel fundamental para a humanização da educação, revendo as práticas educativas, conteúdos curriculares, sempre priorizando as especificidades e as emoções de cada indivíduo, respeitando seu tempo no processo de ensino-aprendizagem. (DALTRO et al., 2018)

### **Considerações Finais**

Este trabalho abordou a temática da relação entre escola e adoção e as contribuições da Teoria psicogenética no trabalho pedagógico com crianças e adolescentes adotados, evidenciando a importância da discussão desse tema na formação de professores. Foi demarcado a necessidade de mudar a visão da sociedade perante as famílias formadas através da adoção, desvendando os mitos e os preconceitos construídos em torno dessa temática ao longo dos anos, isso

porque gerar uma criança é diferente de se tornar pai e mãe, pais são os que cuidam e educam, que criam vínculo familiar independente do sangue, ademais, quando se fala de educar uma criança/adolescente não é uma tarefa fácil tanto para filhos biológicos quanto filhos adotivos, já que ambas as formas de filiação possuem dificuldades e desafios (MORENO; PASCHOAL; OLIVEIRA, 2019).

Para o desenvolvimento da pesquisa foram estabelecidos alguns objetivos, como a apresentação breve da biografia de Henri Wallon, destacando suas principais defesas, dentre elas a associação entre a afetividade e a inteligência, estas que são interdependentes possibilitando ao indivíduo que se desenvolva. Para mais, Wallon salienta sobre a relação entre o professor e o aluno à importância de observar os alunos como indivíduos completos, conseguindo assim realizar a formação da pessoa completa (CAVALCANTE, 2018). Além disso, houve uma reflexão sobre o conceito de adoção e como ele deve ser trabalhado no espaço educativo. De acordo com Moreno e Sudario (2022) será no ambiente escolar que a criança ou o adolescente adotado encontrará um local propício para a sua formação social, ambiente acolhedor e desenvolvimento de suas aptidões. Outrossim, buscou-se evidenciar a importância do conhecimento sobre a adoção e as contribuições da Teoria de Henri Wallon para a formação do professor, já que é necessária a formação continuada a respeito da adoção, para que o professor e a equipe pedagógica saibam como contribuir com a família adotiva, com o aluno, além de ser possível abordar esse tema com os alunos tornando esse assunto mais conhecido e entendido verdadeiramente (MORENO; SUDARIO, 2022).

Por fim, foram feitas análises a respeito das contribuições da teoria de Henri Wallon para o trabalho pedagógico com as crianças e os adolescentes adotados na escola. A partir dessa análise é possível concluir que a teoria da psicogenética se faz primordial para esse trabalho pedagógico, pois levando em consideração a premissa da teoria que é a formação da pessoa completa, por meio dos três pilares que Wallon nos apresenta, motor, afetivo e cognitivo entende-se que ao considerar a afetividade, ponderamos também as emoções, funções base para o desenvolvimento, motor e cognitivo da criança/adolescente. Nesse cenário, “O/a professor/a sob a ótica da afetividade possui uma grande relevância no processo de formação do indivíduo, pois ele está presente em diversas fases na vida de um

cidadão agregando conhecimento e experiências. [...]” (CAVALCANTE, 2018, p. 47). Diante do exposto, constata-se que o professor ao se atentar à vida cotidiana de seus alunos poderá entender melhor o desempenho dos seus alunos e as possíveis origens dos problemas de aprendizagem, possibilitando dessa forma que o professor desenvolva um trabalho pedagógico adequado, incentivando a inclusão, o respeito e o conhecimento com relação ao processo de adoção.

Em suma, este trabalho abordou aspectos da Teoria Psicogenética e de que modo a formação continuada de professores pode ser estudada e desenvolvida considerando os aspectos da adoção, com a finalidade de a equipe pedagógica e de os professores estarem preparados para lidar com as famílias e com os alunos que vivem o processo de adoção. Por meio dos três pilares da teoria devemos entender o desenvolvimento escolar desses alunos, observando possíveis atrasos e/ou problemas na aprendizagem gerados pelo meio afetivo, dessa forma, sabendo trabalhar esses aspectos e garantindo a melhor qualidade de ensino a esses alunos, bem como trabalhar este contexto dentro de sala de aula desvendamos os preconceitos a respeito da adoção instituídos pela própria sociedade, conseqüentemente, promovendo a escola como um local de conhecimento cultural, inclusão, respeito e cuidado para com alunos e suas famílias.

## **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

BRASIL. **Cadastro Nacional de Adoção**. Conselho Nacional de Justiça, 2009.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p. 1-74, 11 jan. 2002.

CAVALCANTE, R. M. S. **Henri Wallon, afeto e aprendizagem: um percurso teórico**. Orientador: Karin Hellen Kepler Wondracek. – Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Teologia, Faculdade EST. São Leopoldo, p. 58, 2018.

D'ANDREA, Antonio. **Tempo de espera**: como vivem as crianças, o casal e os trabalhadores sociais à espera da adoção. Tradução de Luci Moreira da Costa. São Paulo: Instituto de Terapia Familiar de São Paulo–ITFSP, 2012.

DAUTRO, G; LIMA, W. **A teoria psicogenética de Wallon e sua aplicação na educação**. In: Congresso Nacional de Educação, 5., 2019, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2019. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/>. Acesso em: 02 de mar de 2020.

DOURADO, I. C. P.; PRANDINI, R. C. A. R. Henri Wallon: psicologia e educação. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, v. 1, n. 5, p. 23-31, 2002.

GADELHA, F. **Quarta Oficina**: Aspectos legais da adoção. In: Programa de formação para os núcleos de preparação para adoção e apadrinhamento afetivo. 1º ed. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), 2016.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão?. **Psicologia: teoria e pesquisa**, vol. 22, n.2, p. 201-210, 2006.

WALLON, Henri (1) – Afetividade e Inteligencia/Teoria Psicogenética. **Didatics**, Youtube, 2019, 8min, Disponível em: <https://youtu.be/-6vuFpW9dFs>. Acesso em: 20 de jan de 2023.

WALLON, Henri (2) – Desenvolvimento Infantil/Teoria Psicogenética. **Didatics**, Youtube, 2019, 8min, Disponível em: <https://youtu.be/GKDDkn52UEo>. Acesso em: 20 de jan de 2023.

LUCHI, T. A família adotiva e a escola. **GAFAP – Grupo de Apoio à adoção: finalidades e dinâmicas**. 2011. Disponível em <https://gafap1.wordpress.com/2011/05/20/dia-nacional-da-adocao/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LUDWING, A. C. W. MÉTODOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Revista temas em educação**, vol. 23, n.2, p. 204-233, julho-dezembro 2014.

MAUX, A. A. B.; DUTRA, E. A adoção no Brasil: algumas reflexões. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 10, n. 2, p. 356-372, 2010.

MORENO, G. L.; BATISTA, C. V. M. Adoção, acolhimento e devolução: um olhar e uma escuta a criança. **Cadernos de Comunicação**, v. 24, n. 2, 2020.

MORENO, G. L.; PASCHOAL, J. D.; OLIVEIRA, M. R. F. Mídia, cinema e adoção: desconstruindo mitos e preconceitos. **Revista Cocar**, v. 13, n. 27, p. 68-88, 2019.

MORENO, G. L.; SUDARIO, M. V. B. Criança, escola e acolhimento institucional: a escola como espaço de socialização. **Revista Teias**, v. 23, n. 68, p. 29-41, 2022.

PAULI, S. C.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Construção das dificuldades de aprendizagem em crianças adotadas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 881-895, 2009.

VELOSO, L. F. **Como crianças e adolescentes adotivos são vistos pela escola**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015